

Os grandes discursos do século XX enfrentaram uma profunda crise e, segundo os apóstolos da pós-modernidade, já não governam o mundo. O marxismo travestiu-se de neo-marxismo e perdeu seu charme revolucionário. O estruturalismo teve que ceder espaço a análises menos laboratoriais e mais pragmáticas. A psicanálise, atacada pela neurociência e pelas drogas da felicidade artificial, talvez ainda seja uma interessante ferramenta de diagnóstico, mas parece frágil enquanto atividade terapêutica. O darwinismo, mesmo que anuncie a superação da eterna disputa natureza × cultura, em nome de uma síntese salomônica, ainda não firmou-se como uma chave majoritária para a compreensão do homem e da sociedade. De todos os discursos da modernidade, talvez o que ainda conserve maior força política e acadêmica é o feminismo. As razões estão apontadas na entrevista com Aimée Vega Montiel, que abre esta Revista Famecos.

Segue-se uma reflexão sobre outra crise da pós-modernidade: o reposicionamento do sujeito, que é investigado no mundo do cinema, do consumo e das ciências cognitivas. As consequências dessas novas posições para as linguagens estão no próximo conjunto de textos, que trafegam entre o rádio, a TV e o mundo digital. O velho e bom jornalismo ainda vale a pena? O que vai acontecer com este ancião nos tempos de celulares que criam, distribuem e, eventualmente, destroem notícias? Respostas nos próximos três ensaios. Finalmente, na seção Metodologias um bom espaço para abrigar

um debate sobre as melhores maneiras de pensar o campo da Comunicação nestes tempos de estratégias múltiplas e avanços interdisciplinares.

Como sempre, não falamos sobre tudo, mas tentamos falar sobre o que é mais urgente.

CARLOS GERBASE